falta de um acordo global mandatário, cada país deve cumprir o patamar mais baixo de sua meta. Além disso, os pesquisadores consideraram brechas que permitem aos países emitir mais do que o prometido oficialmente. Os cientistas alertam que, para começar a reverter o quadro, é essencial que um acordo mais ambicioso do que o de Copenhague seja alcançado nos próximos dois anos. ***(FP)***

[MÍDIA]

Clima de colaboração

É com colaboração que sete veículos de comunicação americanos pretendem combater os elementos que vão contra uma boa cobertura sobre as mudanças climáticas e trazer informação de qualidade aos leitores. Lançada em abril, a Climate Desk junta os esforços das revistas *The Atlantic, Mother Jones e Wired*, dos *websites* Grist e *Slate*, do programa da TV pública *Need to Know* e da ONG Centre for Investigative Reporting.

O que os levou a colaborar em vez de competir, dizem os editores, é o fato de que as mudanças climáticas e seus impactos humanos, ambientais, econômicos e políticos são uma "história fascinante e importante", mas que "não tem sido bem contada".

Por trás da Climate Desk está a ideia de apenas uma editoria – ou *desk*, em inglês – para tratar de assuntos conectados pelas mudanças climáticas, no lugar de compartimentalizar a cobertura em editorias de ciência, tecnologia, política, negócios etc. Em vez da preferência da cobertura tradicional a notícias sobre a vida selvagem ou o "debate" sobre a existência das mudanças climáticas, os parceiros prometem centrar-se no que consideram a notícia mais importante: "Como vamos enfrentar, mitigar ou nos adaptar" a essas mudanças.

Os resultados dos esforços conjuntos são publicados pelos parceiros e no *website* www.theclimatedesk.org. A primeira série trouxe reportagens sobre como as empresas estão se adaptando à mudança climática, mas os editores garantem que as próximas podem incluir críticas à ciência climática ou a grupos que advogam a ação para mitigá-la. "Nosso único dogma é o bom jornalismo". ***(FP)***



[EDUCAÇÃO]

Sala de aula amazônica

Dizem que a gente só aprende mesmo quando vivencia, quando experimenta. Sem isso, o conhecimento não passa de um arquivo morto entulhado em nossos cérebros. Vivo, vivíssimo, tem sido o aprendizado dos alunos da nova disciplina eletiva da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-Eaesp), a Formação Integrada para a Sustentabilidade (FIS). Tem a sustentabilidade como norte, a transdisciplinaridade como eixo e um projeto-referência como desafio – e desafiador é a palavra certa para o projeto inicialmente escolhido: Belo Monte.

Durante 10 dias em contato com a realidade amazônica, os **alunos da FIS** envolveram-se com as questões da usina, a população local, as comunidades indígenas, governos e representantes das empresas. "A tarefa dos alunos – chamada de desafio – é produzir um parecer para dois grandes bancos signatários dos Princípios do Equador, com recomendações sobre financiar ou não o empreendedor vencedor do leilão para a construção de Belo Monte, a partir da análise dos riscos socioambientais *vis-à-vis* a oportunidade de negócio", explica Mario Monzoni, professor da disciplina.

Os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer as obras de instalação da UHE Jirau, no Rio Madeira, onde os impactos de um empreendimento hidrelétrico já são sentidos, e fazer suas comparações. Em gvces.wordpress.com, acesse vídeos e *posts*. – ***por Amália Safatle***

[HABITAÇÃO]

O sonho da casa sustentável própria

Construir residências com base em projetos sustentáveis é cada vez mais barato não apenas para a natureza, mas